



OS ESTUDOS DA NEGRITUDE EM MEDIATEZACÃO

Joselaine Caroline¹

Resumo: A partir de um recorte dos processos institucionais da mediação, essa pesquisa busca articular o contexto acadêmico das negritudes referente aos campos sociais, midiáticos e acadêmicos na sociedade brasileira. Através das abordagens de pesquisa da negritude, iremos explorar as consequências das lógicas do racismo, no que tange a produção de conhecimento nos campos da Comunicação e das mídias. Constatou-se que as relações e experiências do sujeito pesquisador negro são determinantes para o desenvolvimento do antirracismo nas mídias.

Palavras-Chave: pesquisador negro; mídia; mediação; educação.

THE STUDIES OF BLACKNESS IN MEDIATIZATION

Abstract: Based on the outline of the institutional processes of mediatization this research aims to articulate the Blackness academic context in the social, media and academic fields in the Brazilian society, Through the blackness research approaches we will explore the consequences of the logics of racism in terms of the production of knowledge in Communication and media fields. It was concluded that the relations and experiences of the black researcher are decisive for the development of anti-racism in the media.

¹ Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com bolsa CAPES. Mestre em Comunicação pela Universidade Anhembi Morumbi. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Cultura e Recepção Midiática. E-mail: joselaine.caroline@ufrgs.br

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Key-words: black researcher; media; mediatization; education.

LOS ESTUDIOS DE LA NEGRURA EN LA MEDIATIZACIÓN

Resumen: Con base en un esquema de los procesos institucionales de mediatización, esta investigación busca articular el contexto académico de las negruras referidas a los campos sociales, mediáticos y académicos en la sociedad brasileña. A través de enfoques de investigación sobre la negrura, exploraremos las consecuencias de la lógica del racismo, en términos de producción de conocimiento en los campos de la Comunicación y los medios. Se descubrió que las relaciones y experiencias del investigador negro son decisivas para el desarrollo del antirracismo en los medios.

Palabras-clave: investigador negro; medios de comunicación; mediatización; educación.

LES ÉTUDES DE LA NOIRCEUR EN MÉDIATISATION

Résumé: Basée sur un aperçu des processus institutionnels de médiatisation, cette recherche cherche à articuler le contexte académique des noircissements en se référant aux domaines social, médiatique et académique de la société brésilienne. À travers des approches de recherche sur la noirceur, nous explorerons les conséquences de la logique du racisme, en termes de production de connaissances dans les domaines de la communication et des médias. Il a été constaté que les relations et les expériences du chercheur noir sont décisives pour le développement de l'antiracisme dans les médias.

Mots-clés: chercheur noir; médias; médiatisation; éducation.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea passa por um momento em que as mídias contribuem de forma significativa para noticiar causas e acontecimentos que enfatizam problemas



sociais, contam histórias e evidenciam conflitos, muitas vezes buscando desconstruir a perspectiva do senso comum no que se refere ao pensamento das formas de opressão da cultura hegemônica. Os sites de redes sociais têm atuado como influenciadores na construção da identidade, formação de opinião e debates do cotidiano das pessoas, refletindo diretamente na cultura da mídia, alterando os processos de produção de sentido no mundo das ideias e das materialidades.

A partir de um recorte dos processos institucionais da midiatização, essa pesquisa busca articular o contexto acadêmico das negritudes referente aos campos sociais, midiáticos e acadêmicos na sociedade brasileira. Através das abordagens de pesquisa da negritude, iremos explorar as consequências das lógicas do racismo, no que tange a produção de conhecimento nos campo da Comunicação e das mídias.

Em paralelo, busca-se refletir sobre as transformações dos campos sociais, a presença do Movimento Negro na construção e resultados das ressignificações das pessoas negras na sociedade, e na desconstrução das lógicas do racismo na sociedade. Para articular os temas iremos debater os circuitos midiáticos e as funções sociais que a mídia e a Comunicação possuem na sociedade, visando articular as práticas de pesquisa e episteme dos acadêmicos negros, a fim de compreender as características das relações estabelecidas no campo da comunicação, no que se refere aos processos sociais.

A metodologia qualitativa (FLICK, 2009) do estudo articula uma discussão onde busca-se compreender porque o papel dos pesquisadores negros é tão importante na midiatização dos campos sociais, midiáticos e acadêmicos. Para isso realizaremos procedimentos teórico-metodológicos que dialogam com a obra de Nilma Lino Gomes (2017; 2019) – que tem como inspiração a teoria da sociologia das ausências de Boaventura de Souza Santos (2010).

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS FORMAS DE USO DA MÍDIA

A midiatização de diversos problemas sociais, assim como os protagonismos e (in)visibilidades dos afrodescendentes proporciona debates frutíferos sobre a população africana e seus descendentes em diáspora. As relações que se constituem dentro das esferas socioculturais acadêmicas e curriculares são temas populares e frequentemente atravessados pelos circuitos midiáticos e se apresentam como possibilidade para reflexão



no campo acadêmico. Levando em consideração que na contemporaneidade muitos estudos realizados por pesquisadores são atravessados pelas mídias, iremos discutir sobre os problemas que circundam os acadêmicos negros, que em um âmbito midiático, muitas vezes, têm suas práticas socioculturais deslegitimadas.

Neste texto iremos ver a midiática aplicada enquanto processo social que ocorre através das interações entre os atores sociais e suas instituições. É significativo, aqui, pensar a midiática por uma perspectiva instituições sociais, pois segundo Stig Hjarvard (2014) a midiática também é um processo que ocorre em diversos domínios e campos sociais, como família, política, entre outros. Esse entendimento, como Stig Hjarvard afirma, se aproxima da noção de mediação de Martín-Barbero (1987), que apresenta a ideia de que a mídia atua como mediadora das interações sociais e culturais e auxiliam nas mudanças sociais.

Posto que estudos de diversas áreas se dão através das mídias e dispositivos, não sendo objetos apenas do campo da Comunicação, a articulação da midiática se torna um componente efetivo para pensar os pesquisadores negros no contexto acadêmico, pois de acordo com José Luiz Braga (2011; 2012) a sociedade interage com a mídia através de processos tecnológicos, comunicacionais e sociais.

Os meios de comunicação podem ser vistos como um campo de mediação ou articulação dos campos autônomos (RODRIGUES, 1983), complementa-se a esse pensamento o fato de que “[...] as mídias sociais proporcionam desafios e oportunidades para as convenções estabelecidas, transformando nossas experiências de identidade, interação e fronteiras sociais” (HINE, 2016, p. 11). Ao proporcionar aos indivíduos, através das representações, um lugar no tempo-espaço onde a experiência sociocultural midiática faz uso dos meios de comunicação, através desses meios é possível “[...] a diferenciação e o desencaixe tempo-espaço, ao mesmo tempo em que adquirem um papel especial de instituição de reflexividade coletiva tanto sobre os assuntos públicos quanto sobre os privados” (HJARVARD, 2014, p. 31). Portanto, a mídia apresenta caráter fundamental e muitas vezes formativo nos processos sociais e na experiência dos indivíduos, e atua, frequentemente, como referencial para muitas pessoas.

O autor Pedro Gilberto Gomes diz que “os pontos referenciais necessários para o estabelecimento da identidade e do sentido de vida das pessoas, são fornecidos, na maioria das vezes, pela interpretação do mundo que é feita através dos meios massivos” (GOMES,



P., 2017, p. 82). Os meios de comunicação possuem um papel importante na construção do imaginário nacional, mas por muito tempo desenvolveram discursos e narrativas racistas em cima do mito da democracia racial. Podemos dizer que a mídia hegemônica colaborou fortemente na articulação do racismo na sociedade, e transformou a subalternização de culturas não eurocêntricas em verdade para muitas pessoas, pois “o público tende a usar referências provenientes das mensagens dos meios de comunicação” (MARTINO, 2017, p. 47).

Tendo em vista que a hegemonia eurocêntrica da sociedade e as formas de operação do racismo realizado pela mídia são operacionalizadas majoritariamente por homens e mulheres brancas, o que temos são produtos midiáticos potencialmente passíveis de estudos e complexificação acadêmica devido às veiculações midiáticas racistas que precisam ser discutidas, desconstruídas e ressignificadas. Atualmente as interações midiáticas e as formas de uso da internet conversam com a experiência do receptor, atuando diretamente na produção e formação de sentido que reflete na realidade dos indivíduos – que se sentem representados e ouvidos. Isso possibilita que a recepção do público referente aos produtos midiáticos veiculados nas mídias possam ser abordados por acadêmicos de diversas áreas.

Em paralelo, a mídia alternativa negra sempre teve um papel fundamental para trazer à luz debates sobre lutas, opiniões, direitos, faltas de oportunidades e diferenciações dos muitos estigmas dos negros na sociedade, e se tornou uma importante fonte de estudos para os acadêmicos negros. Atualmente já é possível discutir abertamente sobre a questão da identidade e representação negra nos espaços midiáticos e nas instituições acadêmicas, não que antes não fosse possível, mas a falta de profissionais e acadêmicos negros nos espaços, grandes empresas e instituições normalizaram as invisibilidades desses debates.

Para pensarmos a importância e contexto social da mídia negra partimos do fato de que o movimento de produção de conteúdo voltado para o público negro, criado por pessoas negras começou em 1833, quando o folheto “O homem de cor” figurou como a primeira circulação jornalística de temática negra no Brasil, criada pelo Movimento Negro. E, assim como no primeiro jornal que abordava pautas específicas da negritude, as questões que figuram e continuam a protagonizar as mídias voltadas para a população negra ainda são pautadas por protestos, anseios sociais, lutas por direitos e igualdade.



A mídia negra se apresentou desde o início como uma alternativa para produzir e consumir conteúdos negros, pois “essa posição editorial ideológica fez com que os negros criassem outra via de produção jornalística, isto é, um sistema comunicativo onde essas questões pudessem ser abordadas, para desconstrução do ‘racismo mediatizado’ praticado pela imprensa” (ROSA, 2014, p. 557, grifo da autora), criando assim referências e influências que atuam como um aspecto fundamental para impulsionar a autoestima dos afro-brasileiros e afro-brasileiras.

As práticas midiáticas contemporâneas colaboram para a divulgação dos espaços midiáticos e físicos do Movimento Negro, e juntamente com a globalização também possibilitam a retribalização das pessoas negras, no que McLuhan chama de aldeia global (1962). E nos dias de hoje essa retribalização pode ser vista como resultante da globalização que integra e possibilita a convivência das diferenças interculturais que, ao mesmo tempo em que são as causas de muitos conflitos sociais, aproximam e integram os grupos que convergem, na mesma medida em que afastam coletivos e pessoas que divergem socialmente.

Os processos de globalização ocorreram de par com os processos de localização, com a adoção de políticas de identidade por parte de grupos sociais vitimizados, direta ou indiretamente, pela globalização hegemônica de minorias étnicas, povos indígenas, grupos de imigrantes, mulheres, etc. (SANTOS, 2009, p. 27).

A globalização apresenta pontos positivos e negativos no âmbito sociocultural, e, a conectividade, através da internet, ao promover a aproximação de indivíduos que possuem a mesma visão de mundo, ou que passam pelos mesmos problemas, passou a ter um papel de mediação essencial na troca de informações. Além disso, “a internet contribuiu significativamente para que o direito à informação e à comunicação, como necessidade humana, social e política, fosse expandido” (BONIN; SAGGIN, 2016, p. 7), e essas novas formas de interação contemporâneas proporcionaram a promoção e compartilhamento de saberes e conhecimento entre a população negra.

A comunicação não se restringe apenas às funções informacionais, segundo Adriano Rodrigues (2016), a comunicação não pode ser definida apenas como uma prática de transmissão da informação, ela é a atividade social, a forma como os seres humanos interagem entre si, e pode ocorrer em um ambiente físico ou criado por dispositivos midiáticos, desencadeando estados emocionais positivos e envolvimento



entre os participantes. O autor ainda diz que a interatividade aproximou os indivíduos em um mesmo ambiente, físico e midiático, onde há reconhecimento mútuo e recíproco das necessidades de suas urgências. Ou seja, a interatividade criou circuitos de interação que oportunizaram ao Movimento Negro e seus atores sociais um diálogo sobre seus questionamentos, invisibilidades, urgências e insatisfações. E, tendo a comunicação como atividade social, a conectividade passou a ser um fator efetivo de envolvimento entre os indivíduos, e bastante positivo nas contestações da população negra.

Analisando os fatores que acompanham a cultura e a história do povo negro, percebemos que mesmo com a crescente ressignificação dos estudos das negritudes, as investigações e pesquisas acadêmicas são enviesadas, e resultam com frequência em temas como o racismo, escravidão, desigualdades sociais, raciais e colonização. Observa-se que há muitos objetos de pesquisa que investigam ambiências e práticas de uso das mídias e suas mediações. Os sites e páginas de redes sociais de pessoas negras, usados como objetos de estudos por muitos acadêmicos negros, e, que exploram a questão da negritude são costumeiramente “uma profusão de páginas pessoais, de figuras públicas e de grupos juvenis, publicadas por pessoas negras que escrevem sobre a experiências de ser negro, denunciam o racismo e transmitem informações” (GOMES, N., 2018, p. 70). Isso mostra que a posição ideológica, produção midiática e jornalística da negritude e do Movimento Negro no passado, após um árduo processo, resultou em um esclarecimento das identidades e na ressignificação da cultura da negritude na contemporaneidade.

Porém, como no primeiro editorial negro, o racismo e suas diversas faces, ainda é um tema recorrente, quando não é central, na produção negra midiática, editorial ou acadêmica. Na contemporaneidade, ainda vemos nas páginas das redes sociais, jornais e revistas digitais questões relacionadas às inconformidades das práticas sociais da população negra, e no campo acadêmico, não é diferente.

Frequentemente, as análises e descobertas, *quase óbvias*, da operação das lógicas do racismo, sejam eles implícitos ou explícitos resultam aos pesquisadores negros uma exaustão ao ter que debater e argumentar dentro da academia sobre as relações de poder da branquitude nas culturas ocidentais, assim como as (in)visibilidades do povo negro na mídia. E cabe aos pesquisadores negros enfrentar as diversas implicações do racismo na sociedade, em suas pesquisas, investigações, e na sua própria atuação dentro do ambiente acadêmico.



O PESQUISADOR NEGRO

A perda das genealogias dos descendentes de sujeitos escravizados, ainda que pungente, sofre um atravessamento na herança cultural, produzindo, para a maioria dos descendentes diretos de pessoas escravizadas, uma memória ancestral a partir dos primeiros sujeitos livres que tiveram acesso ao letramento e alfabetização.

Na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad)², feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2001, o percentual de negros no ensino superior era de 10,2%, enquanto os estudantes brancos representavam 39,6%. Em 2011, esse percentual passou a ser de 35,8%, para estudantes negros e 65,7% de estudantes brancos. Dado que o preconceito racial atua na sociedade de forma opressora e perpetuadora, o aumento do número de estudantes negros, ainda baixo, se comparado à quantidade de estudantes brancos dentro das universidades, já apresenta um aumento considerável. Essa mudança é resultado de uma “[...]conquista da política de cotas pelos movimentos sociais negros” (MACHADO e CAMPOS, 2019, p. 126), sistema esse que “repara consequências de um processo histórico de discriminação, efetivado num passado não muito distante, mas ainda sistematicamente presente” (SILVA, M. 2017, p. 114). Uma vez que o número de estudantes negros ainda é baixo dentro dos cursos de graduação e, consideravelmente, menor ainda, nos programas de pós-graduação, como situar-se de forma neutra em ambiências que não estão preparadas para desenvolver práticas sociais que contemplam as questões raciais?

Há diferentes aspectos que afetam a participação na pesquisa, tanto as poucas oportunidades de participar de grupos de pesquisa ou extensão pela própria configuração das Faculdades (poucos grupos de pesquisa, processos excludentes de seleção, etc.), quanto a falta de estímulo ao protagonismo discente que inicia sua trajetória acadêmica. Se, como os alunos alegam, suas questões por vezes são ignoradas pelos docentes durante as aulas, ou ainda são objetos de desqualificação contínua na produção de conhecimento, como esperar deles participação nos grupos de pesquisa, laboratórios e outros grupos com esse foco? Por conta disso, trabalhamos com a hipótese de que as boas práticas precisam atingir também os docentes como rede de apoio aos estudantes e, de forma mais ampla, defesa e garantia das ações afirmativas. Um obstáculo a isso, sem dúvida, é o racismo, que, ao ser visto de forma estrutural e não de atitudes isoladas, nos possibilita identificar e caracterizar como isso afeta a permanência com sucesso

² A pesquisa feita pelo IBGE foi realizada entre jovens de 18 a 24 anos. Fonte: PNAD, IBGE (2012).



na universidade. O (A) professor(a) é o sujeito de interface na produção de conhecimento e, se este refutar os sujeitos, também refuta tudo o que vem dele [...] (RODRIGUES; SITO, 2019, p. 229).

A reparação histórica dos efeitos do sistema escravagista necessita de muito mais do que um sistema educacional sério e competente, que visa a equidade dos diferentes grupos étnico-raciais da sociedade brasileira. A igualdade de oportunidades no ensino superior público ainda não se faz eficiente no que tange as minorias de representatividade étnico-racial, uma vez que para alcançar o sistema de cotas foi necessário “[...] um embate social, mediado pelos discursos de meritocracia e democracia racial” (MACHADO; CAMPOS, 2019). Nos cursos de pós-graduação o cenário é ainda mais ineficiente e o racializado.

Um exemplo disso é a importante pesquisa de Wagner Machado (2019), sobre o cenário da pós-graduação brasileira, em que mostra que no estado do Rio Grande do Sul, os quatro maiores Programas de Pós-graduação em Comunicação de 2014 a 2019 possuíam 293 discentes. O que chama atenção para a problemática no campo é que o autor constatou que durante esse período o número de discentes negros era de apenas 11.

Tal dado mostra é argumentado pelo autor que mostra que há um efeito cascata na sociedade. Esse efeito tem início dentro das instituições educacionais, pois não há como desenvolver uma mídia antirracista enquanto os futuros profissionais da área de Comunicação continuam sendo instruídos por professores majoritariamente brancos e que continuam usando referências do campo que invisibilizam os sujeitos negros nas narrativas midiáticas. É preciso descolonizar o pensamento acadêmico do campo de Comunicação para que possamos ter resultados antirracistas visíveis na atuação da mídia.

De acordo com Nilma Lino Gomes, a descolonização do pensamento acadêmico,

[...] tem de ser acompanhada por uma ruptura epistemológica, política e social que se realiza também pela presença negra nos espaços de poder e decisão; nas estruturas acadêmicas; na cultura; na gestão da educação, da saúde e da justiça: ou seja, a descolonização, para ser concretizada precisa alcançar não somente o campo da produção do conhecimento, como também as estruturas sociais e de poder (GOMES, N. 2019, p. 225 e 226).

No que se refere às possibilidades pedagógicas, concordamos com Adorno e Horkheimer (1985), pois de acordo com os autores uma das maneiras de emancipar os indivíduos das práticas de escravização cultural seria desenvolver uma formação das



relações com a educação, no âmbito da política e da cultura de uma forma diferente. Entretanto, a cultura eurocêntrica ainda é tida como figura central do espaço do conhecimento, e a partir da superioridade da cultura ocidental desenha-se as outras culturas de minorias étnico-raciais no sistema educativo hegemônico, como ausentes, vencidas, marginalizadas ou suprimidas (SANTOS, 2009), logo, “não bastam apenas o reconhecimento e a vontade política para descolonizar a mente, a política, a cultura, os currículos e o conhecimento” (GOMES, N., 2019, p. 225).

As ciências europeias modernas – entendidas como todo o conjunto das humanidades, das ciências sociais e das ciências naturais que foram gradualmente alojadas e, em alguns casos, inventadas na universidade de investigação europeia moderna – ocuparam um lugar central no surgimento da consciência ocidental moderna. Esta consciência respondeu, em parte, ou ao menos tomou como ponto de apoio e ajudou a gerar a crise da visão escolástica do mundo. Esta era uma visão de mundo que estava relacionada a uma ordem social, também em crise, e à qual conferiu legitimação [...] (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 80).

Desconstruir convicções refletidas nas experiências vividas dentro de culturas hegemônicas que perpassaram gerações torna-se um desafio para o pesquisador negro, e se constitui no imaginário de igualdade social que se revela aos poucos dentro da academia, como uma luta constante e aparentemente interminável. Ainda que as competências do investigador apresentem valores epistêmicos que podem e devem ser considerados na construção dos objetos de pesquisa (BONIN, 2018), muitas relações dentro da academia parecem ignorar este fato.

Em muitas áreas, e no Campo da Comunicação não é diferente, é preciso ao pesquisador negro realizar um levantamento de dados, para comprovar cientificamente, através de pesquisas exploratórias, etnografias, entre outras técnicas e metodologias, fatos que são inerentes às obviedades de suas experiências: o racismo é um ator social onipresente, cujas práticas atravessam gerações, causando danos de diversas naturezas. Então o que se questiona é: Como o valor epistêmico que os pesquisadores negros trazem de suas trajetórias construídas paralelamente ao enfrentamento e superação de práticas racistas pode ser trabalhada de forma neutra para atingir resultados relevantes no âmbito cultural e colaborativo no processo de construção identitária da pesquisa e da sociedade? Como operar teorias e perspectivas quando a realidade deslegitima o acesso investigador negro como parte da comunidade acadêmica de forma racista e opressora?



As contribuições que as pessoas negras trazem de sua própria realidade, possibilitam que suas experiências ajudem a construir uma ponte entre o empirismo e a pesquisa, no que diz respeito às questões raciais, pois “é importante, nos processos formativos, reconhecer o valor epistêmico das pessoas, o que implica incluir e potencializar competências trazidas pelos estudantes” (BONIN, 2015, p. 39). Entretanto, para que isso aconteça é preciso ser oportunizado ao sujeito negro um lugar dentro da universidade para exercitar a sua fala, ainda é preciso posições a pesquisadores negros. O racismo epistêmico é uma realidade vivenciada por muitos acadêmicos.

A autora Nilma Lino Gomes diz que as “posturas epistemológicas e políticas têm contribuído com novas reflexões não somente sobre a questão racial brasileira e africana, mas também sobre vários temas da nossa sociedade” (GOMES, N., 2019, p, 239). É preciso muito mais do que teoria e metodologia para desenvolver uma pesquisa efetiva. As experiências raciais dos pesquisadores negros precisam ser consideradas e acolhidas pelas instituições e professores. É preciso compreender que os pesquisadores negros não têm como manter neutralidade em pesquisas sobre a negritude que são atravessadas pelo racismo, pois enquanto parte dos fenômenos que investiga, também é vítima das lógicas do racismo.

O Movimento Negro trata de reconhecer os vínculos históricos, políticos e culturais da relação com à ancestralidade africana e o silenciamento, e busca fazer com que o exercício de suas ações “*se façam presente e de forma explícita uma postura política de combate ao racismo*”(GOMES, N., 2018, p. 24, grifo do autor). As possibilidades de ocupação dos espaços acadêmicos e “a presença negra de estudantes e docentes, destacando-se aqueles que possuem posicionamento, pensamento e postura indagadores e afirmativos no campo de produção de conhecimento, traz inflexões potentes” (GOMES, N., 2019, p. 241) e cria relações de identidade aos sujeitos negros dentro da academia., que são muitas vezes articuladas pelas experiências de racismo epistêmico.

A identidade negra, conquanto construção social, é materializada e corporificada (GOMES, N. 2017), entretanto é um desafio pensar os campos científicos e epistemológicos, uma vez que as lógicas do racismo estrutural e institucional, engendrado nos processos sociais da sociedade brasileira ainda coloca o sujeito negro como um corpo estranho na academia.

A autora Nilma Lino Gomes (2018) identifica que o movimento negro brasileiro tem produzido saberes emancipatórios sistematizados ao longo de sua trajetória, entre eles, os saberes identitários, os saberes políticos e os saberes estético-corpóreos. A disseminação desses saberes emancipatórios possibilita aos movimentos sociais ter um alcance maior às pessoas negras, brancas e instituições. Pensando na configuração dos campos e processos sociais o que emerge são apontamentos sobre a necessidade de decolonialidade dos currículos quando nos confrontamos com políticas pedagógicas eurocentradas, que têm dificuldade para validar e reconhecer pesquisas que contestam a hegemonia europeia do conhecimento. Mas “[...] não bastam apenas o reconhecimento e a vontade política para descolonizar a mente, a política, a cultura, os currículos e o conhecimento” (GOMES, N., 2019, p. 225), é preciso que a comunidade acadêmica compreenda que há necessidade de produzir pesquisas de mídias que impactem de forma efetiva na sociedade e na academia. Portanto, se não tivermos um número significativo de pesquisadores negros na pós-graduação há o risco dessa descolonização não alcançar todos os espaços possíveis.

Ainda que atravessados pelas desigualdades sociais, racismo estrutural e institucional, entre outros, o Movimento Negro tem veiculado a educação das negritudes como pauta para a reparação histórica no que se refere à escravidão, entretanto parece que vivenciamos um *looping* na legitimação dos direitos da presença do sujeito negro nos espaço-tempo.

O movimento para criação e prática das políticas afirmativas, há décadas, enfrentam os mesmos problemas em ambientes diferentes. Mas as diversas possibilidades de pesquisa passam a configurar espaços e investigações pelo olhar das pessoas negras, e resulta em diversas problemáticas frente às práticas metodológicas. Não há mais como parar as reivindicações do povo negro e suas lutas, mas é inegável que a construção da pesquisa, não apenas no que se refere às problemáticas, também no âmbito da produção, dentro das temáticas das negras, têm sido constantemente atravessada pelo racismo e relações étnico-raciais, fato esse que têm emergido constantemente nos resultados das pesquisas acadêmicas e produções científicas.

O reflexo das mudanças nos processos sociais traz “a confluência de diversidades, posturas e visões muito mais dinâmicas possibilitadas pela configuração desses espaços



digitais, nos quais a rede mundial permite, potencialmente, a chance de uma multiplicidade participativa” (BONIN, 2016). E,

[...] com a mídiatização crescente, os campos sociais, que antes podiam interagir com outros campos segundo processos marcados por suas próprias lógicas e por negociações mais ou menos específicas de fronteiras, são crescentemente atravessados por circuitos diversos (BRAGA, 2012, p. 43).

A mídiatização produz dinâmicas que refletem em efeitos na sociedade, e são disseminados em circuitos complexos reconfigurando sentidos pré-estabelecidos. Tal potencial deve-se ao fato de que às práticas dos campos sociais se utiliza dos meios nessa nova ambiência, para ressignificar conteúdos e pautas já abordados anteriormente, pois a mídiatização colabora para a desconstrução do olhar negativo do negro para com si próprio ao se retribularizar com indivíduos do mesmo grupo étnico.

Percebe-se que as leis e oportunidades ao serem criadas pelas políticas afirmativas e aproveitadas pelo sujeito negro nas universidades públicas, após as dificuldades de acesso serem transpostas e superadas trazem à luz a questão do pesquisador que, como “ sendo parte dos fenômenos que investiga, também se inter-relaciona com as mídias e constrói concepções sobre elas; tem sua cultura que define, entre outras coisas, maneiras de ver e de se relacionar socialmente” (BONIN, 2018, p. 15). Então o que se provoca no campo é: Como pesquisar e articular pesquisas que propõem o enfrentamento e a desconstrução das lógicas do racismo na construção das identidades, em um ambiente midiático imerso em representações que reforçam estigmas e paradigmas raciais, e que não possuem atores sociais que estimulem o desenvolvimento dessas pesquisas?

CONCLUSÃO

As práticas epistemológicas nos estudos das negritudes demandam do pesquisador negro novas formas de pensar a aplicação das metodologias eurocêntricas em objetos de pesquisa que foram invisibilizados ou construídos em cima da lógica do racismo. No processo de investigação, assim como nas experiências e interpretação dos dados é fundamental pontuar que é preciso ao pesquisador posicionar politicamente, o que implica



muitas vezes no questionamento de neutralidade do pesquisador, no âmbito da pesquisa qualitativa. Porém se não há professores que compreendam que a posição política de um pesquisador negro é parte do seu valor epistêmico, o seu posicionamento pode ser tratado como militância.

Sabe-se que a posição política dos pesquisadores tem sido debatida, entretanto na prática dentro das instituições os pesquisadores são muitas vezes deslegitimados e desmotivados. Em muitas áreas é conferido ao pesquisador negro um viés de militância, e tal prática deveria ser totalmente descartável, pois pesquisas afro-centradas e afro-referenciadas necessitam uma posição de não-neutralidade, nos fenômenos sociais que envolvem a população negra, e partem de uma abordagem que visa descolonizar o pensamento crítico hegemônico que confere à produção de conhecimento à legitimação e validação apenas a partir do consentimento do homem branco.

O resultado da emancipação dos saberes reflete no âmbito da construção da identidade dos sujeitos negros, assim como no feminismo negro, encarceramento em massa, políticas públicas, interseccionalidade, saúde da população negra, representatividade, entre vários outros assuntos que abordam as questões sociais, políticas e econômicas, antes pouco presente nas mídias. E, as heranças sociais deixadas pelo período escravagista fazem parte da sua identidade, do seu conhecimento, sua história de vida enquanto ator social, entretanto a emancipação dos saberes proporcionada pelos Movimento Negro reflete diretamente na forma como o próprio negro e a sociedade passam a se posicionar perante a construção da imagem e estereótipo do afro-brasileiro, alcançando méritos sociais e políticos dentro da sociedade.

O início da mudança desses paradigmas se dá através do que Boaventura de Sousa Santos (2002) chama de realismo utópico, usado por grupos com pouca representatividade social que constroem possibilidades onde parece ter desaparecido alternativas. E, tendo em vista que a neutralidade para o pesquisador negro que estuda as negritudes é quase uma utopia, uma vez que as heranças sociais deixadas pelo período escravagista fazem parte da sua identidade, do seu conhecimento, sua história de vida enquanto ator social, o que vemos é que “algumas heranças do racismo científico permanecem até hoje, mesmo entre os intelectuais considerados progressistas” (GOMES, N. 2018, p.71).



A evolução das pesquisas acadêmicas demanda estudos da negritude para além das etnografias e identificação de fenômenos, investigados e interpretados por pessoas brancas. O movimento cultural das negritudes tem resultado na emancipação do sujeito negro enquanto cidadão, inferindo-lhes uma posição de pesquisador, antes negada pela falta de reconhecimento da capacidade intelectual dos afrodescendentes devido às lógicas do racismo. O Movimento Negro tem mostrado em toda a sua trajetória que a mídia tem um papel importante na disseminação do racismo, e é preciso repensar e reformular os currículos dos campos midiáticos para que os futuros profissionais da área não continuem a perpetuar o racismo velado que se encontra na mídia.

Os próximos passos devem ser direcionados para as possibilidades de se criar uma corrente de pesquisas científicas que reflitam positivamente de maneira política e social, e percebendo que a sociedade está passando por um processo de ressignificação racial midiático é importante tensionar mudanças em todos os campos que possuem participação ativa nesse circuito, incluindo o campo midiático.

Precisamos pensar daqui em diante em formas de colaborar efetivamente em mudanças que reflitam na realidade do sujeito negro, enquanto ator social e investigador, e é com urgência que precisamos pensar sobre as relações e experiências desse indivíduo que serão determinantes para a ocupação dos espaços sociais.

É necessário muito mais do que apenas ser representado nas mídias, é preciso colocar profissionais negros, ou não, mas que entendam a importância da representatividade para toda uma comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1985

BONIN, Jiani. *Processos e percursos de construção de pesquisas em recepção: algumas reflexões epistêmico-metodológicas*. Revista Conexão Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul – v. 17. Dossiê 2018, p.13-25. Disponível em: <<http://ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/6568>> Acesso em 28/04/2019.

_____. *Reflexões sobre a formação de iniciação científica em perspectiva cidadã*. Revista Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul – v. 14, 2015. Disponível



em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/3791>> Acesso em 28/03/2019.

BONIN, Jiani; SAGGIN, Livia. *Reflexões teóricas para pensar as relações entre mídias, identidades culturais, movimentos sociais e cidadania*. Revista Lumina. Juiz de Fora, MG. Vol.10, nº1. Abril, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21229>> Acesso em 29/07/2019

BRAGA, José Luiz. *Circuitos versus campos sociais*. In: Mattos, Maria Ângela; Janotti Junior, Jeder; Jacks, Nilda. (Org.). In: *Mediação & Mdiatização*. Salvador/Brasília: EDUFBA/COMPÓS, 2012.

_____. *Constituição do Campo da Comunicação*. Revista Verso e Reverso, vol. XXV, n. 58, janeiro-abril 2011.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Joice Elias Costa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOMES, Nilma Lino, *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2017.

_____. *O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos*. In: *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Org. Joaze Bernardino- Costa, Nelson Maldonado- Torres, Ramón Grosfoguel – 2ª Ed.; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GOMES, Pedro Gilberto. *Dos meios à midiatização: um conceito em evolução*. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2017b.

HINE, Christine. *Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia*. In: *Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos*. Org. Bruno Campanella, Carla Barros. - 1. ed. - Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

HJAVARD, STIG. *Midiatização: conceituando a mudança social e cultural*. Revista Matrizes, v.8 – no 1 jan/jun. São Paulo: 2014. (p. 21 – 44). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8, p. 21-44>. 2014 ISSN: 1982-8160.

SILVA, Wagner Machado da; CAMPOS, Deivison Moacir Cezar de. *Os dois lados do espelho: a cobertura midiática e as publicações do coletivo negro balanta no embate sobre as cotas na UFRGS*. **Revista Práxis**, Novo Hamburgo, v. 1, p. 123-143, feb. 2019. ISSN 2448-1939. Disponível em: <<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/1734>>. Acesso em: 02/07/2019.



MACHADO, Wagner. *A cor do conhecimento: Reflexões sobre as (in)visibilidades dos doutorandos negros nos programas de pós-graduação em comunicação no Rio Grande do Sul*. In: Anais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2019, Porto Alegre. Anais [...]. São Paulo: Intercom, 2019. ISSN: 2177-7896 Disponível em : <<https://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0950-1.pdf>> Acesso em 01/07/2019

MALDONADO-TORRES, Nelson. *Transdisciplinaridade e decolonialidade*. Revista Sociedade e Estado – Volume 31, Número 1, jan/abril, 2016.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia*. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

MARTINO, Luis Mauro Sá. *Teorias da Comunicação: ideias, conceitos e métodos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MCLUHAN, H. M. *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*. Toronto: University of Toronto Press, 1962.

RODRIGUES, Adriano. D. *O campo dos media*. Lisboa: Veja. 1983.

_____. *A natureza pragmática da comunicação e a informação*. In: Epistemologias, comunicação e informação. Org. Valdir Morigi, Nilda Jacks e Cida Golin. Porto Alegre: Sulina, 2016.

RODRIGUES, Vera; SITO, Luanda. “*Eu cientista?!*” *Trajetórias Negras e Ações Afirmativas na UFRGS*. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, v. 11, Ed. Especial - Caderno Temático: Raça Negra e Educação 30 anos depois: e agora, do que mais precisamos falar? Abril de 2019, p. 207-230, abril 2019. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/690/625>> Acesso em: 10/07/2019.

ROSA, Isabel C. C. *Imprensa Negra: descobertas para o jornalismo brasileiro*. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 555-568, set. 2014. ISSN 1984-6924. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2014v11n2p555>> Acesso em: 24/03/2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Para uma pedagogia do conflito*. In: Freitas, Ana Lúcia e Moraes, Salete Campos (Orgs.). *Contra o desperdício da experiência: A pedagogia do conflito revisitada*. Porto Alegre: Redes Editora Ltda., 2009.

SILVA, M. *Ações afirmativas no Brasil: considerações acerca das cotas raciais na universidade*. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 19, n. 42, p. 107-129, set./dez. 2018. ISSN 2237-3098. Disponível em: <<https://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura/article/view/255/353>> Acesso em 28/04/2019



Recebido em 30/11/2019

Aprovado em 01/07/2020